



AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

VOLUME ESPECIAL - 2012

APRESENTAÇÃO

Este número especial da *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos* – é dedicado ao tema da aquisição da linguagem sob diferentes perspectivas teórico-metodológicas. Nele, estão reunidos dezoito trabalhos de importantes pesquisadores do cenário internacional e do Brasil, de diferentes pólos regionais, constituindo-se como um desdobramento de pesquisas apresentadas durante o VIII ENAL – Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem – e II EIAL – Encontro Internacional sobre Aquisição da Linguagem, evento realizado no período de 17 a 19 de outubro de 2011, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, e promovido pelo GT de Psicolinguística da ANPOLL em parceria com o Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem e Psicolinguística (NEALP) do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Os artigos se inserem em subáreas, como *Aquisição padrão de língua materna oral*, *Aquisição de língua estrangeira*, *Aquisição de língua escrita*, *Desvios da linguagem e Aspectos metodológicos na aquisição da linguagem*, e parte deles decorrem de pesquisa conjunta entre pesquisadores de diferentes instituições e entre orientadores e orientandos de pós-graduação, sinalizando a vitalidade da área.

Abrimos esta edição especial com dois artigos de pesquisadores internacionais: no primeiro, Christophe, Millotte, Brusini & Cauvet investigam como informações de natureza prosódica, aliadas à delimitação de palavras funcionais, podem promover a aquisição lexical e sintática da língua por crianças em torno de seu segundo ano de vida; no segundo artigo, Shi

apresenta resultados de um estudo conduzido com bebês de 8 meses, compatíveis com a hipótese de que as palavras funcionais estão entre as primeiras formas que as crianças segmentam do fluxo contínuo da fala, e discute as implicações da segmentação de elementos funcionais para a aquisição inicial do léxico e consequente inserção da criança na sintaxe da língua.

Em seguida, Cavalcante e Barros exploram, em seu estudo, o deslocamento sofrido pelo discurso materno na dialogia mãe-bebê em três instâncias distintas: a do bebê, a dos objetos de interação e a da própria mãe. A análise dos dados obtidos longitudinalmente, em situação naturalística, sugere que a prosódia materna é interpretativa, por se ajustar e se modificar de acordo com as demandas do bebê. Para as autoras, é a partir dos deslocamentos propostos pela mãe e das modulações de sua voz na interação com o bebê que é possível à criança ser inserida na língua e tornar-se falante.

Scarpa & Fernandes-Svartman investigam aspectos interacionais/discursivos e formais/gramaticais, através de distinções entoacionais observadas na fala de 3 crianças adquirindo o Português Brasileiro. A partir de dados colhidos naturalisticamente, as autoras defendem que tais distinções são relevantes em termos de significados gramaticais (modalidades, vocativos) e pragmáticos (fala solitária vs. fala social), além de fornecerem pistas para *bootstrapping* prosódico de determinantes, de papéis argumentais e de significados aspectuais. Para elas, pequenos enunciados de uma palavra, de uma a três e no máximo quatro sílabas, revelam mais do que uma listagem de léxico primitivo: em termos prosódicos, podem apontar para cruzamentos entre a percepção e a produção, para a interface entre som, forma e sentido, bem como para a organização formal da fala e pistas de subjetivação.

Outro trabalho que também trata de prosódia e aquisição da linguagem é o de Santos, que focaliza o percurso de aquisição de regras fonológicas de junção no Português Brasileiro: a elisão, enquanto exemplar de uma regra opcional de sândi externo (Santos (2009), e a regra de vozeamento de fricativa em coda (Silva 2008, Silva & Santos 2010). No caso da regra de vozeamento, os resultados encontrados mostram que as crianças cometem erros de sub-aplicação, nunca de super-aplicação. No caso da regra de elisão, foram encontrados casos de super-aplicação.

O estudo de Matzenauer discute o processo de aquisição fonológica por crianças falantes nativas do Português Brasileiro e se baseia nos pressupostos do modelo de processamento de L1, de Boersma (2006, 2007, 2008) e Boersma & Hamann (2009), por

meio do qual foi possível à autora estabelecer uma relação dos fenômenos estudados com os módulos da percepção/compreensão e da produção da linguagem. Os resultados indicam que a interação entre restrições (nos moldes da Teoria da Otimidade), no módulo da compreensão e no da produção, responde pelas lacunas nos inventários de consoantes das crianças e pelos processos operantes em sua fonologia; por processos opacos, responde apenas o *ranking* de restrições do módulo da produção.

O artigo de Freitas, Almeida & Costa apresenta evidência empírica para a discussão sobre a natureza fonológica das representações lexicais no percurso de desenvolvimento linguístico infantil (MACKEN, 1995; FIKKERT, 2005, 2007), com base na observação dos padrões de aquisição dos segmentos sibilantes do Português Europeu (PE). As autoras retomam dados longitudinais de duas crianças, avaliadas em Costa (2010) e em Almeida (2011): uma criança monolíngue em PE; uma criança bilíngue em PE/Francês. Os resultados mostram que ambas as crianças seguem diferentes percursos para adquirir um mesmo segmento em diferentes contextos fonológicos: tanto a estrutura prosódica quanto as condições contextuais para a ativação de processos fonológicos parecem ser variáveis relevantes para a estabilização das raízes segmentais nas representações lexicais das crianças.

Lazarotto-Volcão investiga crianças com Desvio Fonológico (DF), entendido como uma dificuldade na organização do componente fonológico da linguagem durante o período de aquisição, e toma como modelo de análise o PAC – Modelo Padrão de Aquisição de Contraste, desenvolvido por Lazarotto-Volcão (2009) e construído a partir dos Princípios Fonológicos Baseados em Traços, propostos por Clements (2009). A autora analisa dados de três crianças com DF, a fim de verificar se análises realizadas por meio do PAC revelam mais informações acerca do funcionamento da fonologia do aprendiz. De modo particular, os resultados encontrados indicam que os princípios mais problemáticos para os sistemas com desvios são o da Economia de Traços e da Robustez. Uma criança com DF parece não conseguir combinar os traços fonológicos adquiridos, de modo a produzir mais contrastes em seu sistema, como se o processo ficasse “estacionado”.

Elegendo a relação entre Fonologia e Aquisição da Linguagem, Miranda analisa dados de aquisição relacionados a questões representacionais vinculadas ao segmento e à sílaba, focalizando as produções orais e escritas das soantes palatais e das codas nasais por crianças que cursam os primeiros anos do ensino fundamental. Tomando como aporte teórico a Fonologia Autossegmental (CLEMENTS e HUME, [1991] 1995), os resultados encontrados

apontam para: (i) a existência de uma relação estreita entre fonologia e escrita inicial; (ii) a adequação do emprego de modelos teóricos não-lineares na descrição dos fenômenos observados pela autora; (iii) a relevância teórica dos dados de escrita que, assim como os de aquisição fonológica, podem trazer contribuições aos modelos de análise linguística, principalmente, no que diz respeito à sua adequação. A autora defende que, com o apoio de propostas que incorporem a ideia da flexibilidade das representações e da provisoriade das gramáticas infantis, é possível seguir os percursos da fonologia da criança, vislumbrando o ponto de chegada, que é o modelo adulto, conectando os diferentes estágios por que passam as representações durante o desenvolvimento da criança.

O trabalho de Correa examina os significados construídos pelas crianças acerca do aprendizado da leitura e da escrita por meio de narrativas. De acordo com a autora, a construção da narrativa foi utilizada em sua pesquisa como um dispositivo para a (re)significação da experiência sensível das crianças na escola. Em entrevistas individuais, crianças de uma escola pública do Rio de Janeiro foram solicitadas, em um primeiro momento, a desenhar duas pessoas, uma que ensinava e outra que aprendia a ler e a escrever, e, em um segundo momento, a contar uma história, tendo como referência o desenho realizado. As narrativas produzidas pelas crianças foram analisadas em função das representações acerca da experiência de sucesso ou fracasso experimentado pela criança em seu aprendizado, considerando-se os seguintes aspectos: a importância social da leitura e da escrita; o protagonismo da criança e do professor no processo de aprendizagem com ênfase nos resultados e consequências de suas ações; a relação professor-aluno e, finalmente, os sentimentos e afetos de quem aprende a ler e a escrever e suas implicações para o desenvolvimento da autoestima do aprendiz e para o trabalho psicopedagógico.

Nessa mesma perspectiva, no estudo de Mesquita, Correa & Mousinho, investiga-se a influência das habilidades de processamento fonológico no desenvolvimento da narrativa escrita, por meio da comparação entre a estrutura narrativa verificada na escrita de histórias e as habilidades de processamento fonológico, de leitura e de escrita, apresentadas por um mesmo grupo de crianças do 3º e do 2º ano do Ensino Fundamental. As autoras investigaram, ainda, se alguma dessas habilidades era preditora do desenvolvimento da complexidade narrativa. A análise dos dados aponta para uma maior sofisticação das habilidades fonológicas, principalmente no que se refere ao nível da consciência da palavra associado ao

desenvolvimento do nível fonêmico, constituindo-se como um fator relevante para o aumento da complexidade narrativa.

Scliar-Cabral & Vasilévski propõem-se a definir o que é a gramática automática e traçam um breve histórico da gramática automática do Português Brasileiro, cuja construção teve início com o projeto *Codificação da morfologia do PB e análise da fala dirigida à criança*, que se propôs a adaptar à morfologia do Português Brasileiro os procedimentos de montagem das regras que compõem o aparato para a análise automática da morfologia, dentro da plataforma CHILDES. Segundo elas, as gramáticas automáticas reconhecem os dados de fala e de escrita codificados na linha principal, de forma consistente, num formato de transcrição denominado *chat*, sob padrões determinados, emparelham-nos com os itens classificados nos léxicos e os rotulam em categorias gramaticais, na linha morfológica (%mor). As autoras discutem as duas primeiras tarefas, descrevendo os procedimentos para a preparação da linha principal para a análise morfológica por regras e examinando os principais desafios encontrados: a falta, às vezes, de constituintes essenciais à frase; os deslocamentos agramaticais; as descontinuidades provocadas pelas pausas plenas ou vazias de processamento; a reduplicação do pronome interrogativo átono “que” com a função de redundância, dada sua fraca saliência perceptual; a superposição de vozes (*overlapping*); as mudanças diacrônicas e o fenômeno de sândi externo. Os referenciais teóricos são o modelo competitivo (MacWHINNEY, 2000, 2008) e os dos autores brasileiros que se debruçaram sobre o PB atual e os resultados já obtidos são a formatação de todas as linhas do *corpus*, a organização dos léxicos e a elaboração dos algoritmos, sendo, com isso, socializados dois dos três procedimentos para a apreensão da gramática automática do Português Brasileiro.

O trabalho de Melo se volta para o problema de aprendizagem da língua inglesa por adultos brasileiros, em ambiente de estudo da língua-alvo como língua estrangeira. Como aporte teórico para a elaboração de uma proposta metodológica para o problema, o autor considera o Modelo de Competição Estendida, de MacWhinney (1987), segundo o qual a aprendizagem da L2 realiza-se como subconjunto da L1, havendo uma ligação fundamental entre os efeitos relativos à idade e a transferência. O postulado básico desse modelo é o de que a transferência da L1 para a L2 ocorre ao longo de todo o processo de aprendizagem, sendo que a aprendizagem de uma segunda língua na idade adulta envolve uma transferência particularmente intensa nas áreas da fonologia e do léxico, havendo também transferência nas características gerais da morfossintaxe. Para o autor, embora os processos de aprendizagem de

L1 e L2 sejam bastante distintos entre si, há mecanismos de aprendizagem que podem ser compartilhados entre os dois processos.

Tratando do Déficit ou Distúrbio Específico da Linguagem (DEL) e de suas principais abordagens, Corrêa argumenta que um melhor entendimento do DEL requer uma teoria procedimental da aquisição da linguagem e um modelo de computação sintática em tempo real, concebidas à luz de um modelo de língua. Nessa perspectiva, a autora se baseia nos pressupostos minimalistas, nos quais se assenta a abordagem para o DEL por ela proposta, e identifica os pontos críticos do processo de aquisição de uma língua que podem comprometer o conhecimento linguístico adquirido, bem como os fatores que possam tornar a condução da computação sintática custosa ou além da capacidade de processamento de crianças com problemas de linguagem característicos do DEL. Neste estudo, Corrêa apresenta hipóteses de trabalho, as quais orientam um procedimento-piloto de estimulação/consciência de estruturas previstas como de alto custo com crianças identificadas como possíveis casos de DEL. A autora argumenta que, independentemente das causas dos déficits de linguagem constatados em crianças em idade escolar, a atenção à informação de interface, a estimulação de processos dependentes de estratégias de ensaio, bem como o uso de certa consciência sintática de modo a remediar, via estratégias cognitivas, um processo de aquisição comprometido parecem trazer direcionamentos promissores para uma possível intervenção.

Augusto & Corrêa, em artigo que também focaliza o Déficit ou Distúrbio Específico da Linguagem, discutem particularmente a estrutura passiva, remetendo às análises linguísticas formais que têm sido atribuídas a esse tipo de sentença (BOECKX, 1998; COLLINS, 2005), e consideram as peculiaridades estruturais da passiva para, com base na computação em tempo real atribuída a essas estruturas pelo MINC - Modelo Integrado da Computação *On-line* (CORRÊA & AUGUSTO, 2007), definir o seu custo de processamento. As autoras apresentam os possíveis comprometimentos atribuídos ao DEL que poderiam derivar as dificuldades comumente reportadas em relação a esse tipo de construção (CORRÊA & AUGUSTO, 2011a) e propõem que chamar a atenção de crianças com problemas de linguagem para a presença do participio, do agente da passiva introduzido pela preposição *por*, assim como para os papéis temáticos dos argumentos da sentença passiva poderia beneficiar essa população no que diz respeito à produção e à compreensão desse tipo de sentença. Com este artigo, Augusto & Corrêa colocam em evidência a relevância de se

conceberem atividades linguísticas para a estimulação de crianças diagnosticadas com DEL, direcionadas a partir de hipóteses de custo computacional, conforme Corrêa (neste volume).

O artigo de Lopes explora o uso de metodologia experimental em trabalhos de aquisição de sintaxe e de fenômenos de interface, especialmente na interface sintaxe-semântica, em três cenários: (i) quando o fenômeno de interesse não está presente em dados de produção espontânea das crianças; (ii) em fenômenos em que há ambiguidade de interpretação e é impossível checar se a criança a percebe ou se opta por uma das interpretações possíveis apenas e, finalmente, (iii) quando o que se busca está na fala da criança, mas não necessariamente revela a gramática-alvo. Trabalhando com modelos formais fortes, como a Teoria Gerativo-Transformacional, a autora ilustra o primeiro ponto com a aquisição do quantificador universal em Português Brasileiro (PB), raramente encontrado em dados de produção e totalmente ausente da fala de algumas crianças examinadas até os três anos. Quanto ao segundo aspecto investigado, Lopes verifica se a criança, diante de uma sentença ambígua que contém o quantificador universal, apresenta alguma preferência inicial por uma dada leitura (distributiva ou coletiva) e, no caso do PB, se essa leitura está vinculada ao ambiente morfológico em que o quantificador se encontra. O terceiro aspecto tratado é o uso inicial do objeto nulo pela criança, bastante restrito a antecedentes específicos e não animados, ocorrendo geralmente em contextos dêiticos. Tal uso é possível na gramática da língua, mas não é a única opção. Nos casos das elipses de VP, examinados neste artigo, crianças licenciam elipses, porém o fazem sem a reconstrução absolutamente paralela do antecedente, o que é impossível em gramáticas adultas. Partindo dessas questões, Lopes discute a descontinuidade entre a gramática infantil e a alvo, buscando investigar justamente os casos que podem contribuir para um melhor entendimento tanto do processo de aquisição quanto da teoria da gramática.

Em seu segundo artigo nesta edição especial, Santos focaliza o uso de diferentes metodologias no acesso à fonologia da fala infantil e no estudo da aquisição fonológica. A autora discute inicialmente a aquisição da regra de acento primário no Português Brasileiro, no holandês e no inglês, trazendo resultados de diferentes trabalhos sobre o assunto. Estudos naturalísticos do holandês e inglês apontam que as crianças começam com um padrão trocaico – dissílaba forte-fraca – (cf. Fikkert, 1994; Demuth, 1995). Em Português Brasileiro, entretanto, este padrão não se mantém. Através de dados naturalísticos, Santos (2001; 2007a,b) e Bonilha (2005) encontraram, no período inicial, um padrão iâmbico (dissílaba

fraca-forte), ao passo que Rapp (1994) encontrou um padrão trocaico em um estudo experimental de produção. Essas diferenças nos resultados levaram a autora a questionar se houve influência devido ao método aplicado. Baia (2008) e Baia & Santos (2011) conduziram um estudo comparando os resultados nas duas metodologias e concluíram que os estudos experimentais realmente apontam para um padrão trocaico, enquanto que os estudos naturalísticos apontam para um padrão iâmbico.

Fechando esta edição especial, o artigo de Name discute os dados que emergem de estudos de percepção da fala, particularmente no que se refere à tendência de preferência da criança por estímulos conhecidos, familiares ou desconhecidos, novos. Com base em uma revisão de trabalhos realizados com as técnicas experimentais de Escuta Preferencial e de Olhar Preferencial, a autora defende que a preferência por um ou outro tipo de estímulo decorre da natureza do processamento exigido pela tarefa: no reconhecimento de elementos e/ou propriedades da língua em aquisição, a criança escutaria mais tempo os estímulos conhecidos; em tarefas mais abstratas e, portanto, mais complexas, como a identificação, abstração e generalização de padrões subjacentes aos estímulos, a criança preferiria o novo, aquilo que destoa do padrão apresentado.

Organizadoras
Cristina Name
Luciana Teixeira

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Reitor

Henrique Duque de Miranda Chaves Filho

Vice-reitor

José Luiz Rezende Pereira

Pró-Reitora de Pesquisa

Marta Tavares d'Agosto

Pró-Reitor de Pós-Graduação

Fernando Monteiro Aarestrup

FACULDADE DE LETRAS

Diretora

Marta Cristina da Silva

Vice-diretor

Edimilson de Almeida Pereira

Chefe do Departamento de Letras

Denise Barros Weiss

Chefe do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas

Rosemary Abraão Nascif

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística

Luciana Teixeira

COMISSÃO EDITORIAL DA REVISTA

Luiz Fernando Matos Rocha

Amitza Torres Vieira

ASSISTENTES EDITORIAIS

Mercedes Marcilese

Ícaro Oliveira Silva

Tatiane Silva Tavares

Programa de Pós-Graduação em Linguística

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Campus Universitário s/n, Martelos

36036-900, Juiz de Fora - Brasil

Tel.: +55 32 2102 3135

Fax: +55 32 2102 3135

e-mail: ppg.linguistica@ufjf.edu.br